



## **TARSILA DO AMARAL E O MOVIMENTO MODERNISTA EM SÃO PAULO**

Patrícia Maria Santos<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo analisa as obras de Tarsila do Amaral produzidas na década de 1920 em relação às representações do Brasil e de brasileiros na vigência do movimento modernista em São Paulo. Os objetivos propostos pretenderam compreender a sociedade e o cotidiano da década de 1920 em São Paulo, bem como identificar nas obras da artista evidências que permitam perceber as transformações processadas, seus acontecimento e desfechos. A partir do balanço historiográfico, as obras *A Negra*, *Abaporu*, *Antropofagia* analisadas permitem considerar a ruptura com a antiga representação do negro e do índio, que emergem como elementos centrais nessa fase do trabalho da pintora. Em última instância, contribui para o uso de obras de arte como fonte para a pesquisa em história.

**Palavras-chave:** Tarsila do Amaral. Modernismo. Sociedade Brasileira.

O presente artigo trata a representação de Brasil e brasileiro na Primeira República (1889 a 1930) por intermédio da vida e obra de Tarsila do Amaral. Dentre os movimentos que marcaram o período, a Semana de Arte Moderna de 1922 desvela a construção de uma nova representação de nacionalidade, de povo brasileiro, cujos signos perpassam a produção da artista plástica e se destacam como representativos em suas obras, sintomaticamente, no que se refere aos negros e índios.

Ao estudar o tema a partir das obras de arte, constatou-se que a pesquisa em história ainda atribui valor decisivo ao documento escrito recusando, de certo modo, obras iconográficas como fonte de pesquisa, sejam elas pinturas, esculturas ou monumentos. Como todo o testemunho histórico, a imagem não fala por si só, todavia, não pode ser considerada como pouco confiável ou menor diante do documento escrito, pois como Pierre Francastel afirma "...as obras de arte conferem ao historiador, assim como ao sociólogo, elementos de informação que de outro modo não possuem".<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade de Santo Amaro. E-mail: santos\_patricia\_28@hotmail.com

<sup>2</sup>FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte*. In \_\_\_\_\_. *Introdução*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 4.

As artes plásticas sofreram diversas rupturas técnicas e estéticas no processo histórico, novos artistas criaram movimentos distintos e adquiriram novas tendências as quais foram se aperfeiçoando e redimensionando o mundo das artes. De todo modo, obras de arte sempre foram reconhecidas como evidências de um passado, mesmo que esse fosse pensado como celebratório, pronto e acabado:

Há cento e cinquenta anos a História da Arte propôs-se como escopo trazer o balanço das obras do passado, inventariá-las, conservá-las e constituir, ao mesmo tempo, séries de tipos baseadas numa classificação calcada na botânica ou na Biologia, inteiramente descritiva e indiferente às funções sociais ou às significações diferenciais da obra em relação a seus criadores, usuários e a posteridade.<sup>3</sup>

Diferente dos tratamentos anteriormente oferecidos, na atualidade as obras de arte são percebidas como fontes para a pesquisa em História, das quais se podem extrair práticas e representações vividas em determinados contextos, desvelar suas funções sociais, suas significações. No caso, o modernismo foi um movimento importante da década de 1920 e chegou ao Brasil por influências de vanguardas europeias, as quais propunham a renovação das artes e da literatura. No Brasil, artistas plásticos formaram um grupo denominado como “futuristas”, o qual visava romper paradigmas da sociedade tradicional e conservadora expressa nas artes plásticas. A efetividade da proposta causou um choque cultural e uma valorização do nacionalismo em um momento efervescente dos movimentos sociais no Brasil e no mundo. Nesse processo, as obras de uma mulher brasileira alcançaram notoriedade e nelas uma explícita referência à questão étnico-racial.

Tarsila do Amaral nasceu em 01 de setembro de 1886 em Capivari, interior de São Paulo, filha de José Estanislau do Amaral e Lydia Dias do Amaral, no seio de uma família de fazendeiros paulistas da época cafeeira do Brasil. Tarsila estudou no Colégio de Sion em São Paulo e depois no Colégio Sacré Coeur na Espanha. Passou muitos anos de sua vida em idas e vindas de Paris, Alemanha e Espanha para o Brasil estudando artes plásticas. O contato com os mestres europeus fez com que Tarsila ampliasse o potencial artístico, algo que podemos observar em suas obras as quais revelam as influências cubistas, naturalistas e surrealistas. Tarsila era uma mulher que estava à frente de seu tempo, casou-se diversas vezes e viajava de navio pelo mundo.<sup>4</sup>

<sup>3</sup>FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte*. In\_\_\_\_\_. *Introdução*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 1.

<sup>4</sup>GOTLIB, Nádya Battella. *Tarsila do Amaral: a musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Retornou em 1922 para o Brasil após estudos na Europa, principalmente na Alemanha, em Berlim e Paris, na França, no intuito de integrar-se ao movimento modernista. Entre os modernistas estavam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Cândido Portinari, Anita Mafalotti dentre outros. Tarsila trouxe consigo influências artísticas do tempo que estudou na Europa no mesmo período que se inicia o modernismo brasileiro. Nesse processo, é intitulada a melhor representante do movimento modernista, pois expressava em suas telas o cotidiano, as transformações sociais e a industrialização crescente da cidade de São Paulo.<sup>5</sup>

O modernismo dera a chacoalhada necessária para se despir dos convencionalismos caducos de uma cultura acadêmica, cristalizada em convenções ultrapassadas, sem fôlego para a invenção. Os modernistas inventaram. Engataram o Brasil na marcha do século XX. E para percorrer estradas nossas, desbravando nossa cultura própria.<sup>6</sup>

O objetivo dos modernistas, a renovação das artes, representado na Semana de Arte Moderna de São Paulo no Teatro Municipal, desmonta antigos pilares da sociedade brasileira ao imprimir uma nova representação do Brasil e do brasileiro. Segundo Mário da Silva Brito “em 1921 o grupo modernista está não somente composto, mas coeso e unido, e representa já uma força nova dotada de consciência”. Neste momento há um grande furor para uma revolução literária no Brasil proposta pelos “futuristas”.<sup>7</sup> Tarsila do Amaral, em suas obras, apresenta uma ruptura com os valores estéticos e sociais da época, criando uma nova arte intitulada brasileira, feita por brasileiros, na qual apresenta as mudanças sociais em São Paulo mesmo que de uma forma utópica.

Emblematicamente, a artista não participou da Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922, porém, assim que retornou do exterior, se integrou prontamente aos modernistas no movimento Pau Brasil, primeira fase do movimento modernista, que propunha um retorno às origens e ao nacionalismo brasileiro. Como destacam os autores consultados, a Semana de Arte Moderna de 1922 representou um marco histórico do modernismo brasileiro, cujo ápice ocorreu nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo.<sup>8</sup>

<sup>5</sup>SANT'ANNA-MULLER, Mara Rubia; POELKING, Cristiane. *Nacionais e Modernos: o discurso da identidade brasileira na obra de Tarsila do Amaral*. Disponível em: [http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume4/numero1/moda/nacionaismod.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/moda/nacionaismod.pdf). Acesso em: 18 out. 2013, 00:23.

<sup>6</sup>GOTLIB, Nádia Battella. *Tarsila do Amaral: a musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 86.

<sup>7</sup>BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro – I: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

<sup>8</sup>REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 1993.

Os eventos que marcaram a Semana e repercutiram na mídia como uma mudança sistemática dos padrões vigentes na arte brasileira, assim como o repúdio dos que estavam no Teatro Municipal. O choque cultural da nova fase das artes no Brasil recebeu várias críticas. Um desses grandes impactos foram causados pelas obras de Anita Mafalhti, principal representante feminina do modernismo, posto que perderia para Tarsila do Amaral, devido as suas obras serem, por fim, avaliadas como expressionistas. De acordo com os autores que estudam o tema:

A crítica dos jornais, que na época era muito pessoal e costumava identificar a qualidade de uma obra ao caráter dos seus atores – exercitando, ademais, um arrogante paternalismo quando se tratava de artistas jovens –, achou os quadros estranhos, distantes dos “métodos clássicos”, mais foi, no geral, simpática à pintora. Assim como fora em 1914, quando ela expôs quadros mais propriamente pós-impressionistas.<sup>9</sup>

Diante do exposto, cabe ressaltar que o presente trabalho evidencia a importância do uso das artes plásticas como fonte para a pesquisa em história, no caso, referentes às transformações sociais vividas em São Paulo na década de 1920, em específico em relação a exaltação do negro e do índio. Do mesmo modo, o estudo contribui para a desmitificação da infantilidade atribuída às obras de Tarsila do Amaral ao destacar o modo como sua técnica representava o Brasil e os brasileiros.

### **Modernismo Brasileiro e a Semana de Arte Moderna de 1922**

Como explicitado, o estudo do Modernismo Brasileiro, emblematicamente demarcado pela Semana de Arte Moderna de 1922, ocorre no início do século XX, movido por vanguardas europeias que emergiram no período da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918). Movimentos artísticos radicais, uma mistura de revolução das Artes e da Literatura, partiam de três princípios básicos: direito permanente à pesquisa estética, atualização da inteligência artística brasileira e estabilização de uma consciência criadora nacional, trazendo uma liberdade de expressão totalmente inovadora. “O cotidiano é também parte de um ‘jeito de viver’ que inclui, também, a invenção da Arte. Nessa atitude de inventar a vida reside uma das propostas ‘revolucionárias’ do modernismo: ‘liberar’ a invenção é ‘viver’ esta liberação”.<sup>10</sup>

Esses movimentos aconteceram no Brasil na década de 1920 com artistas brasileiros que utilizaram a vertente europeia de se fazer arte. As obras, manifestos e poemas deste momento eram um modo de repensar a dependência cultural

<sup>9</sup>REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 1993.

<sup>10</sup>GOTLIB, Nádia Battella. *Tarsila do Amaral: a musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 35.

brasileira e as relações entre arte e sociedade. Dois principais manifestos deste período que fazem ligação às obras de Tarsila são iniciados por Oswald de Andrade, são eles o Manifesto Pau Brasil e o Manifesto Antropófago que darão origem as revistas de mesmo nome organizadas por Oswald. O Brasil estava num momento histórico de tradição colonialista, sem uma industrialização avançada, com desenvolvimento social desigual, alto hibridismo cultural e uma sociedade elitizada, resistente a mudanças.

Consideremos aqui os fatos enquanto “sintomas” de um organismo em estado de mutação, no caso o país, cujas alterações físicas eram visíveis em São Paulo e no Rio de Janeiro que se transformavam: construíam-se edifícios, abriam-se avenidas, bondes elétricos e veículos motorizados, imprimiam movimento a vida urbana; na capital paulistana multidões de raças diversas circulavam as calçadas.<sup>11</sup>

As vanguardas europeias trouxeram ao Brasil o pensamento nacionalista e uma quebra com o antigo modelo parnasiano de fazer arte que representava o papel social das elites e do Estado. Nesta época vários artistas e intelectuais foram estudar na Europa e nos Estados Unidos, assim como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Victor Brecheret, muitos destes financiados pelo próprio Estado como um modo ainda mais forte de assimilação e uso de uma cultura artística vinda de fora, para continuar nessa linha de arte pura e não nacionalista. Oswald de Andrade inicia em 1912 o manifesto futurista, que incitava a chamada “higiene do mundo” os modernistas estavam prontos para uma ruptura e no início do modernismo, os artistas eram chamados de futuristas. Para Lucia Helena Hueva: “São Paulo e Rio de Janeiro formarão o núcleo deste intercambio, posto que apresentavam características propiciadoras”<sup>12</sup>.

O início do século XX foi marcado pela influência europeia no modo de fazer arte, principalmente no Brasil surgiram os estilos tidos como os ismos: expressionismo, dadaísmo, surrealismo e outros que marcaram os tempos históricos como um sintoma da própria necessidade de se ter um estilo a ser seguido, porém, que se adaptaram as condições culturais, políticas e econômicas do Brasil. Segundo Lucia Helena Hueva: “reveladoras de uma época, as vanguardas tem hoje um significado histórico. São os sintomas de um mundo em crise, tematizado nas obras que produziram e sintetizados nos seus manifestos”.<sup>13</sup>

<sup>11</sup>REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 1993. p. 12.

<sup>12</sup>HUEVA, Lucia Helena. *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 42.

<sup>13</sup>HUEVA, Lucia Helena. *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 39.

O ano de 1917 desencadeou o início para o modernismo com a exposição de Anita Malfatti e a amizade com Osvald e Mário de Andrade foram contribuições importantes para os acontecimentos seguidos. O modernismo no Brasil teve repercussão em São Paulo e no Rio de Janeiro, sendo a confirmação do modernismo na Semana de Arte Moderna de 1922 a conferência de abertura foi feita por Graça Aranha, o apresentador do evento Menotti Del Picchia e os artistas que fizeram suas exposições eram: Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Goeldi, Zina Aita, Martins Ribeiro, Yan Almeida Prado, Vicente do Rego Monteiro, Victor Brecheret dentre outros. “A semana foi o estopim de um processo que, se já se iniciara antes dela, apenas se consolidará depois, através dos manifestos, revistas e obras que lhe deram surgimento”.<sup>14</sup>

A Semana se tornava uma paixão violenta que eclodia, carregando os ideais do modernismo, nenhum artista imaginava tamanho furor, “os modernistas da Semana estavam iniciando uma revolução profunda que iria inclusive se radicalizar, sob o aspecto ideológico nos anos seguintes”.<sup>15</sup> Esse furor foi seguido de muitas críticas pela então sociedade conservadora, muitas apresentações foram vaiadas pelo público, por isso a Semana se tornou tão marcante para São Paulo, um momento de ruptura onde não se podia mais voltar atrás. Para muitos uma revolução sem sangue, um momento de passagem estética, de difícil interpretação, pela falta de instrumentos adequados. Os modernistas procuravam uma ruptura como tradicional e assim legitimar uma nova arte “o mérito dessa Semana de 22, realizada um grande centro como São Paulo, foi o de trazer à tona manifestações estéticas, filosóficas e políticas que permeavam a realidade sem, contudo encontrar uma forma de canalizar suas expressões”.<sup>16</sup>

O grande destaque feminino da Semana de Arte Moderna era Anita Malfatti, uma grande artista pré-modernista, pois já estudava em Berlim e trazia um modelo também mais norte americano de se fazer arte enraizada de sociedades com mais abertura para participação feminina, e mesmo com Zina Aita expondo no evento, ela se torna símbolo do início do modernismo, a qual teve mais obras expostas destaque. Sobre a participação feminina, a pesquisa permite considerar que:

Pode-se dizer que a pintura de vanguarda, no Brasil, enquanto luta e polemica, tem seu ponto de partida numa mulher e o da chegada de outra. A sua conquista de compreensão e a imposição de sua legitimidade,

---

<sup>14</sup>Idem ao 17, p. 50.

<sup>15</sup>REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 1993. P. 43.

<sup>16</sup>AVELINO, Yvone Dias; MORENO, Tânia Maria; GONÇALVES, Adilson José. *Arte Urbana e Reminiscências Rurais na Obra de Tarsila do Amaral*. Proj. História, São Paulo. 19 nov 1999. p. 102.

com expressão nova de arte, começam e terminam, respectivamente, em Anita Malfatti e Tarsila do Amaral.<sup>17</sup>

Anita Malfatti sofreu também uma com a crítica que a assolou por muito tempo, quem publicou foi o escritor Monteiro Lobato artigo intitulado “Paranoia ou Mistificação?”, menosprezou de tal forma as obras da artista que muitos compradores que leram o artigo feito por Monteiro Lobato devolveram as obras, momento precioso do início modernista quebrado por um dos grandes escritores mais influente e renomado do Brasil, “nos anos efervescentes, plenos de experimentações e grandes realizações que se seguirão à Semana, Anita perderá para Tarsila o primeiro plano que lhe coube no Modernismo inicial”.<sup>18</sup> Com o engajamento de Tarsila no movimento, a produção de obras e a participação efetiva, Anita perde o posto de maior artista modernista do Brasil, não só pela crítica de Lobato, mas por suas obras serem de cunho expressionista e não seguir a linha de obras nacionalistas, de resgate da cultura brasileira como o fez Tarsila do Amaral na maioria de suas obras produzidas na época.

### **Tarsila do Amaral: Uma Mulher Moderna**

Tarsila, reconhecida no Brasil por seu destaque, não teve medo de moldar se em um novo momento como uma mulher moderna. Tarsila tem uma trajetória significativa para a história das mulheres brasileiras, primeiro por poder viajar constantemente para fora do país, o que era algo que poucas mulheres realizavam, ainda que viagens acontecessem. Casou-se por três vezes, numa época em que ser uma mulher separada não era desejável pela sociedade conservadora. Sua obra propõe uma arte diferenciada, pinta a mulher negra, é de esquerda e foi presa em 1932 por um mês durante a revolução constitucionalista de São Paulo. Essa mulher muito contribuiu para mudança tanto nas artes quanto para o mundo das mulheres.

Para Nadia Battella Gotlib (1983) a mulher estava subestimada e Tarsila só teve visibilidade devido a sua posição social. Há neste momento, por parte da autora, uma desvalorização da ascensão de Tarsila, não por seu próprio talento, mas por ser branca e de uma classe social elevada.<sup>19</sup> Se Tarsila fosse pobre e negra talvez seu talento ficasse no esquecimento, permite considerar a autora. De todo modo, a bibliografia recorrente indica (SANT’ANNA-MULLER; POELKING, 2007):

<sup>17</sup>GOTLIB, Nádía Battella. *Tarsila do Amaral: a musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 21.

<sup>18</sup>REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 1993.

<sup>19</sup>GOTLIB, Nádía Battella. *Tarsila do Amaral: a musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

O que a obra de Tarsila propõe, assim como a primeira fase do movimento modernista é um rompimento dos valores estéticos instituídos e uma diferenciação do modelo europeu, provocando, por um lado, uma tensão intolerável para a ideologia conservadora e, por outro, instituindo alicerces para uma arte reconhecidamente brasileira.<sup>20</sup>

Tarsila regressa de Paris depois da Semana de Arte Moderna de 1922. Mesmo não participando dos eventos que marca este momento importante do modernismo, ela se torna engajada e participa efetivamente após seu regresso ao Brasil, pois encontra um “tempo de ebulição ainda efervescente do modernismo brasileiro, prolongando o ritmo esfuziante da Semana. É tempo de fermentações, que minam a Tarsila pintora e mulher”.<sup>21</sup> É ela quem define as direções do movimento Pau Brasil e inaugura o movimento Antropofagia promovidos após os eventos que marcaram a Semana. Buscando retratar em suas obras o nativo brasileiro anterior à invasão dos portugueses, a valorização do país, sua fauna, flora, cultura e transformações tanto culturais como sociais, a autora se destaca como referenda a bibliografia consultada: É Tarsila, entre os artistas da época, que mais se dedicou a incorporar a dinâmica das transformações que a industrialização trazia a vida brasileira, influencia direta das tendências construtivistas, surrealistas e cubistas.<sup>22</sup>

Em 1923, em Paris, Tarsila produz uma das obras mais famosas de toda sua trajetória intitulada *A Negra*, com influências do cubismo, mas num momento de representação do nacionalismo brasileiro, como uma das primeiras artistas mulher a pintar o negro em obras de arte brasileira. Este quadro é anterior ao movimento Pau Brasil, porém marca o início de uma arte brasileira para brasileiros. A arte brasileiríssima se evidencia no motivo a ‘negra’, ou melhor, a ‘mulata’ de lábios grossos, olhos amendoados e seios enormes, figura agigantada, que aparecerá mais tarde na massa volumosa do “Abaporu” e “Antropofagia”.<sup>23</sup> Tarsila pinta o quadro *Abaporu*<sup>24</sup>, oferece ao marido Oswald de Andrade como presente de aniversário em 11 de janeiro de 1928. Com este quadro surgia um novo movimento a Antropofagia, vale dizer, o início de arte surrealista no Brasil na qual se destaca a beleza natural,

<sup>20</sup>SANT’ANNA-MULLER, Mara Rubia; POELKING, Cristiane. *Nacionais e Modernos: o discurso da identidade brasileira na obra de Tarsila do Amaral*. Disponível em: [http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume4/numero1/moda/nacionaismod.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/moda/nacionaismod.pdf). Acesso em: 18 out. 2013, 00:23. p. 4.

<sup>21</sup>Idem ao 26.

<sup>22</sup>Idem ao 26, p. 3.

<sup>23</sup>GOTLIB, Nádia Battella. *Tarsila do Amaral: a musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 36.

<sup>24</sup>Aba: homem; Poru: que come carne humana. Palavra oriunda do dicionário Tupi.

rude, feia, bruta, bárbara e ilógica. A partir desse marco Osvald lança a Revista de Antropofagia<sup>25</sup>.

Como destacado, o estudo utiliza obras da artista plástica Tarsila do Amaral para analisar mudanças recorrentes nas artes durante o período caracterizados pelo Modernismo Brasileiro, bem como a análise iconográfica contribui para o conhecimento histórico. As obras da artista Tarsila do Amaral como fonte para verificação e mudança na arte brasileira em São Paulo permitem destacar a nacionalidade intrínseca e um grande amor pelo país, isto é, “estes quadros selvagens e oníricos parece que vêm do fundo. Explodem em cores firmes. Em formas surpreendentes. Em linhas sinuosas, de sensualidade vibrante. Parece que nasce de um contato muito íntimo com a natureza”.<sup>26</sup> Sendo assim, a arte pode ser utilizada como auxílio para o historiador como fonte para identificar aspectos de uma sociedade.

A concepção de arte como a conhecemos na atualidade foi engendrada no final da Idade Média, correspondente à pintura a óleo ou têmpera sobre tela, tendo o cavalete como suporte. Início para muitos autores da modernidade não consciente e crítica. Tecnicamente representou uma ruptura com a relação aos materiais e uma independência em termos de plasticidade. A pintura era concebida como uma prática profissional que, desvinculada do artesanato, era vista como uma modalidade especial de conhecimento, no sentido do saber. Assume-se, portanto, a perspectiva de uma mais acentuada divisão social do trabalho, apontado para o aprofundamento da distância entre trabalho intelectual e braçal.<sup>27</sup>

Giulia Crippa (2003) amplia o debate para os estudos de gênero ao analisar o posicionamento de artistas mulheres, incluindo Tarsila, utilizando o conceito “grotesco”<sup>28</sup> em suas obras como modelo de aceitação, reconhecimento e representação de gênero no mundo das artes. A autora analisa a história das mulheres nesse campo do fazer, evidencia artistas e suas exclusões na academia, principalmente, quando proibidas de participar das aulas de nu, e explica “existe um atraso no discurso da história da arte em reconhecer o devido lugar dessas mulheres,

<sup>25</sup> Reflexão que valorizava o selvagem anterior à colonização e descoberta, tal como era, livre, puro, feliz, solto, antes da chegada de Cabral e da imposição da colonização portuguesa, que veio explorar a terra e cristianizar o índio (GOTLIB, 1983).

<sup>26</sup> GOTLIB, Nádia Battella. *Tarsila do Amaral: a musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983. P. 72.

<sup>27</sup> AVELINO, Yvone Dias; MORENO, Tânia Maria; GONÇALVES, Adilson José. *Arte Urbana e Reminiscências Rurais na Obra de Tarsila do Amaral*. Proj. História, São Paulo. 19 nov 1999. p. 107.

<sup>28</sup> A categoria estética do grotesco se caracteriza pela presença de elementos estranhos, fantásticos e irreais, combinados frequentemente na constituição de aspectos aparentemente inerentes a realidade, porém revelando um afastamento dela, fato que aparenta a categoria como o cômico (CRIPPA, 2003, p. 3).

atraso que nos últimos anos abriu um novo campo de estudo, inerente a uma história da arte e do gênero".<sup>29</sup>

A autora afirma que as artistas mulheres só tiveram o sucesso alcançado porque suas obras eram diferentes, escandalosas, surrealistas, cubistas e sobre Tarsila é mais incisiva dizendo que esta só alcançou o sucesso por ser branca, de elite, europeizada e companheira de um grande homem, Oswald de Andrade. Contudo, Tarsila do Amaral foi uma das grandes artistas brasileiras reconhecida no país e no mundo por seu talento e audaciosa forma de pintar. As obras de Tarsila do Amaral, feitas no período do modernismo brasileiro, permite analisar aspectos da pintura moderna, a importância das artes na história e como estas podem servir de fonte para estudos de uma época.

Para o historiador, a arte configura-se como fonte privilegiada para o conhecimento dos desejos, anseios, maneiras de interpretar e representar o vivido, o almejado, o interditado, a utopia. História e arte são elementos constituídos de um mesmo processo que se associam e determinam-se mutuamente. Vários os enfoques, as diversas abordagens, múltiplos os usos das artes plásticas no campo da historiografia.<sup>30</sup>

Nesta perspectiva, podemos verificar nas obras destacadas que Tarsila apresenta em sua representação de brasilidade a presença do negro, além de outros aspectos voltados para a tendência cubista e métodos artísticos apreendidos em seus estudos na Europa. Sua obra revela uma ruralidade decadente e ascensão da industrialização, utiliza o irreal para mostrar aspectos do Brasil anterior a colonização. A obra *A Negra*, marca o início de uma arte inovadora, com remanescências cubistas, feita durante seus estudos em Paris, na qual é possível perceber a ruptura com o tradicionalismo brasileiro. O movimento Pau Brasil surge com Tarsila na primeira fase do modernismo por volta de 1923 com a obra *A negra*, esse movimento incitava uma valorização do estado bruto de cultura coletiva, a valorização da cultura brasileira ironizando os intelectuais, introduzindo o resgate da cultura nativa brasileira. Por intermédio desta obra, Tarsila se consagra como uma das primeiras brasileiras a desenhar o negro.

### IMAGEM 1

*A Negra*, 1923

<sup>29</sup>CRIPPA, Giulia. *O grotesco como estratégia de afirmação da produção pictórica feminina*. Florianópolis: Revista de estudos feministas, 2003. p. 9.

<sup>30</sup>AVELINO, Yvone Dias; MORENO, Tânia Maria; GONÇALVES, Adilson José. *Arte Urbana e Reminiscências Rurais na Obra de Tarsila do Amaral*. Proj. História, São Paulo. 19 nov 1999. p. 98.



Fonte: Acervo de Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Os aspectos desta obra marcam a quebra com o tradicional, de pinturas europeizadas, que não mostravam a realidade brasileira e sim uma busca da aculturação do modelo europeu que em nada se assemelhavam com a realidade do Brasil, também neste contexto o Estado propiciava e investia nos estudos dos artistas brasileiros na Europa. A folha de bananeira, a negra e os aspectos físicos de nosso povo são expressões da ideia modernista, a valorização da cultura brasileira.

Tela nítida influencia cubista na composição de seu fundo, traz na figura, além de elementos dessa tendência, claras marcas do expressionismo e do primitivismo. A composição cromática da tela se faz no fundo pintado em tons de verde, azul e cru e da figura humana em tons neutro-terra. A Negra ocupa o espaço central da obra, sendo construída de maneira deformada, realçando a mão direita, os pés, o seio, os ombros, ventre, pescoço e cabeça diminuta em relação à proporção do corpo. Olhos enviesados, nariz triangular e beijos grossos marcam a configuração do rosto.<sup>31</sup>

Esta obra tornou-se um dos ícones de representação das amas, mulheres negras que tinham o corpo forte e hábil para o trabalho, imponente e importante para reconhecimento das mulheres e dos negros, valorizando a importância destes sujeitos para construção do país. A obra *Abaporu* inaugura a segunda fase do modernismo. *Antropofagia* nasce de um presente que Tarsila fez para seu esposo Osvald de Andrade, em 1928, e criam esse movimento juntos nesta nova fase, Tarsila dizia que o *Abaporu* surgiu de seu subconsciente, das histórias que as negras

<sup>31</sup>AVELINO, Yvone Dias; MORENO, Tânia Maria; GONÇALVES, Adilson José. *Arte Urbana e Reminiscências Rurais na Obra de Tarsila do Amaral*. Proj. História, São Paulo. 19 nov 1999. P. 110.

contavam, seria a exaltação do brasileiro, resgate da cultura com os antropófagos, nome da tela que foi tirado do dicionário Tupi Guarani, o homem que come carne humana.

## Imagem 2

Abaporu, 1928



Fonte: Coleção Eduardo Francisco Costantini, Buenos Aires.

O Abaporu resgata essa cultura indígena suprimida na colonização com a chegada dos portugueses, e isso refletia com muita força com as ideias modernistas, estavam vivendo a cultura do outro, o europeu, e esse é um problema dos países que foram colonizados, no Brasil a mistura do índio com africanos e portugueses, a miscigenação, fez com que se perdesse o valor da cultura pura, nascida no Brasil, a aculturação dessas outras culturas levou os brasileiros à praticamente negar as raízes indígenas e não se identificar como descendente destes índios.

A figura humana apresenta-se deformada como nas grandes obras expressionistas, tal como já havia representada em *A Negra*. Pés e mãos hipertrofiados que ultrapassavam o limite da tela. Representavam o não controle sobre um movimento que ultrapassa o olhar que busca evidências nas aparências, mas que consegue desvelamento só quando persegue essências. A cabeça diminuta, voltada para o abdome, indica, além da miséria, o sentido visceral da emoção/razão, cultura/deglutinação, criação/ruminação – elementos que caracterizam a cultura nacional.<sup>32</sup>

Na obra *Antropofagia*, símbolo desta fase, será a junção das duas obras *A Negra* com o *Abaporu*, os rostos mudam, numa junção de corpos, o mesmo sol e a

<sup>32</sup>AVELINO, Yvone Dias; MORENO, Tânia Maria; GONÇALVES, Adilson José. *Arte Urbana e Reminiscências Rurais na Obra de Tarsila do Amaral*. Proj. História, São Paulo. 19 nov 1999. p. 116.

flora brasileira, as duas obras são símbolos desta fase, anunciando uma nova cultura – brasileiríssima “Flagrou, na interpretação de algumas das suas produções, a própria alma feminina, tão sensível, nesta mulher que uniu suas experiências do campo com a cidade e, depois de conviver com a Europa, redescobriu no próprio país um regionalismo rico...”.<sup>33</sup>

### Imagem 3

Antropofagia, 1929



Fonte: Coleção Particular

As obras de Tarsila tornaram-se ícones do movimento modernista e de renovação das artes no Brasil, sua importância para as artes é sem precedentes, principalmente na década de 1920, se destacaram seu uso das cores, o retrato das paisagens e suas criações através de formas e signos, observadora da natureza, do tempo e do espaço, participante de seu tempo registrou suas impressões sem seguir os moldes artísticos que vigoravam na época, se dedicou a resgatar a cultura brasileira.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo procuro desvelar o significado da arte para a história, como método de estudo, podemos observar que no modernismo brasileiro os artistas

<sup>33</sup>AVELINO, Yvone Dias; MORENO, Tânia Maria; GONÇALVES, Adilson José. *Arte Urbana e Reminiscências Rurais na Obra de Tarsila do Amaral*. Proj. História, São Paulo. 19 nov 1999. p. 107.

lutavam por uma construção de uma nova sociedade, menos conservadora e tradicional, um dos momentos que é um marco da história de São Paulo, a Semana de Arte Moderna de 1922, sua organização e propósitos mostrou que os artistas plásticos como idealizadores de um movimento histórico, estavam cansados de retratar os estilos europeus, buscava o novo, a valorização da cultura brasileira e a arte moderna.

Neste contexto utilizo a representante feminina da arte moderna Tarsila do Amaral, integrante do movimento que a partir de suas obras foram criados manifestos, e sua militância se fez notória, a sua presença mostrou também a inclusão da história das mulheres como sujeito, optou por não seguir os moldes de sua época, assim como muitas outras mulheres antes dela já reivindicavam seu papel.

Suas obras atingiram visibilidade nacional e internacional, como memória do país, Tarsila remonta cada fase do modernismo e podemos verificar nas suas criações onde representa paisagens as mudanças que estavam ocorrendo numa sociedade agrária cafeeira, da escravidão, para um progresso desenfreado de indústrias, estradas, carros, prédios, o cotidiano brasileiro, valorizou nossa cultura, sua vida no campo. Seu papel como desbravante das artes e como mulher, sendo indispensável na construção deste estudo, a análise iconográfica de determinadas obras feitas durante o período de efervescência do modernismo, para redescobrir o Brasil por outro olhar, assumindo o pensamento modernista e deixando para trás os preceitos acadêmicos, entender a partir da vida e obra de uma artista os aspectos sociais e culturais da década de 20.